



SAIBA MAIS SOBRE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Por Ricardo Antonio Ferreira do Vale, coordenador administrativo na unidade Brasília e integrante do TFAfro



O Dia da Consciência Negra é uma data extremamente relevante, pois além das questões que envolvem Zumbi e o Quilombo dos Palmares, ela nos remete a importantes questionamentos sobre o combate contra a desigualdade e o racismo na sociedade brasileira. É uma data que relembra a luta dos africanos escravizados no passado e que reforça a importância da realização de novas lutas para tornar nossa sociedade mais justa.

Por mais que tenham ocorrido mudanças ao longo dos séculos, a falta de oportunidades e o racismo presentes no cotidiano deixam claro que ainda temos um longo caminho a percorrer. O racismo e a desigualdade estão impregnados na nossa sociedade como legado dos mais de 300 anos de escravidão no Brasil.

Assim, o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, é dedicado à reflexão sobre a inserção dos negros na sociedade. A data foi escolhida por ser o dia atribuído à morte de um dos maiores líderes negros do Brasil, que lutou pela libertação do seu povo contra o sistema de escravidão, Zumbi dos Palmares. Ele foi morto em uma emboscada executada pelas tropas coloniais brasileiras, em 1695, após sucessivos ataques ao Quilombo dos Palmares – local que abrigava escravos fugitivos durante o período colonial no Brasil.

A palavra quilombo origina-se do termo kilombo, originário de Angola, e significa local de pouso ou acampamento.

Vários quilombos foram registrados no decorrer da história, alguns com um número considerável de habitantes – o Brasil chegou a ter centenas destas comunidades ao longo do território nacional, principalmente nos atuais estados da Bahia, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Alagoas.

Há relatos de conflitos de escravos que fugiam para os Palmares já no início do século XVII. A existência dos quilombos era tão notável que foi criada uma profissão para homens que conheciam as regiões de mata, os capitães do mato, contratados para recapturar escravos fugidos. Por volta de 1612, foi registrada a primeira expedição para encontrar os fugitivos.

Considerado, talvez, o quilombo mais importante já registrado, o da região dos Palmares estava localizado na Serra da Barriga, que à época fazia parte da Capitania de Pernambuco. Foi povoado após uma revolta de escravos em um engenho no sul da Capitania, que, após a fuga, esconderam-se na região.

O local servia de abrigo para aproximadamente 20 mil quilombolas. Os habitantes sobreviviam da caça, pesca e coleta de frutas, bem como da agricultura e artesanato.

A expansão da região dos Palmares era notável. Em 1640, ela estava dividida em nove aldeias: Andalaquituche, Macaco, Subupira, Aqualtene, Dambrabanga, Zumbi, Tabocas, Arotirene e Amaro.

O Quilombo dos Palmares teve como primeiro líder Ganga Zumba, filho da princesa do Congo, traficada para o Brasil. Sua liderança foi de extrema importância para organizar a resistência aos conflitos externos; após sua morte, Zumbi tornou-se líder de Palmares e conduziu a resistência nos anos seguintes.

O processo de perseguição ao Quilombo dos Palmares acentuou-se com a expulsão dos holandeses. Em 1670, os portugueses passaram a atacar as aldeias sistematicamente. Em

1694, o quilombo foi destruído. No ano seguinte, o último líder dos Palmares, Zumbi, foi morto.

Atualmente, com exceção do Acre, Roraima e Distrito Federal, todos os estados brasileiros possuem quilombos. Apesar de o Distrito Federal não os possuir, nas regiões do entorno pertencentes a Goiás eles estão presentes. Os estados brasileiros com o maior número de comunidades remanescentes de quilombos são Bahia, Maranhão, Minas Gerais e Pará.

Não há dúvidas de que vivemos em um país extremamente racista, e a seletividade com que esse assunto é tratado só nos prova que ainda estamos caminhando a passos de tartaruga.

Causa-me espanto quando escuto alguém dizer: precisamos aprender muito com os acontecimentos deste ano. Acontecimentos do último ano?

São décadas de luta pela liberdade de viver dignamente sem a opressão e os condicionamentos de submissão estabelecidos neste país desde a colonização portuguesa.

Mano Brown e turma já diziam em uma das letras mais fortes já escritas no cenário musical brasileiro: “Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia que sobrevive em meio às zorras e covardias, periferias, velas, cortiços / Você deve tá pensando o que você tem a ver com isso? Desde o início por ouro e prata / Olha quem morre então veja você quem mata. Recebe o mérito a farda que pratica o mal / Ver o pobre preso ou morto já é cultural / Histórias, registros, escritos, não é conto nem fábula, lenda ou mito”.

